

*ARTIGO*

*VOLUME ESPECIAL*

# **A PERSPECTIVA DOS ADULTOS ACERCA DA PANDEMIA DO COVID-19: Análises de sonhos à luz da psicanálise.**

**Adriana Simões Marino***adrianamarino@usp.br*

Psicanalista, psicóloga e filósofa. Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo e mestre em Psicologia Clínica pela mesma universidade. Especialista em Psicopatologia e Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública (FSP-USP). É membro do Fórum do Campo Lacaniano (FCL-SP). Atua nas áreas clínica, social e como docente. Autora do livro: "Crianças Infratoras: Garantia ou Restrição de Direitos? Um estudo psicanalítico sobre as medidas de proteção no campo do ato infracional infantil" pela Juruá Editora, 2013.

**Andréia Alves Teixeira***andreiapsi07@gmail.com*

Psicóloga Clínica e Escolar. Pedagoga. Especialista em Psicopatologia e Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Aperfeiçoamento em Queixa Escolar pelo Instituto de Psicologia da USP. Membro do Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (GIQE). Atua nessa temática pelo projeto GAPES (Grupo de Apoio Pedagógico Especializado) da Prefeitura de Taboão da Serra (SP)

**Cristiano Rodineli de Almeida***cris.rondinelli@gmail.com*

Psicólogo, Especialista em Políticas Públicas e Socioeducação pela Universidade de Brasília, Especialista em Psicopatologia e Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Mestre em Educação e Saúde na Infância e Adolescência pela Universidade Federal de São Paulo. Trabalha como psicólogo na Fundação CASA (SP), atendendo adolescentes em conflito com a lei privados de liberdade.

**Danielle Antonelli***antonellicardia@gmail.com*

Psicóloga. Especialista em Psicopatologia e Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP-USP) e em Psicologia Clínica Hospitalar pelo Instituto do Coração (FM-USP).

**Ricardo Rentes***rickrentes@hotmail.com*

Psicólogo de orientação Psicanalítica, Pós-graduado em Saúde Mental e Justiça pelo Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico Prof. André Teixeira Lima - FUNDAP, Especialista em Psicopatologia e Saúde Pública pela USP. Mestre em Ciências Humanas, Sociais e Criminologia pela UFP do Porto - Portugal. Analista Institucional e Supervisor de Horas Técnicas na área da Assistência Social e Saúde Mental na cidade de São Paulo - SP. Professor do Curso de Especialização em Saúde Mental e Coletiva na Perspectiva da Clínica Ampliada pela Universidade Cruzeiro do Sul e Professor do Curso de Especialização em Psicologia Jurídica pela Universidade São Camilo.

**A PERSPECTIVA DOS ADULTOS ACERCA DA PANDEMIA DO COVID-19:  
Análises de sonhos à luz da psicanálise**

**THE PERSPECTIVE OF ADULTS ABOUT THE COVID-19 PANDEMIC:  
Dream analysis in the light of psychoanalysis**

**LA PERSPECTIVA DE LOS ADULTOS SOBRE LA PANDEMIA DEL COVID-19:  
Análisis de los sueños a la luz del psicoanálisis**

## **RESUMO**

O presente estudo é fruto de uma pesquisa desenvolvida pelos editores da Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia, acerca do impacto da pandemia do coronavírus na população adulta brasileira. A justificativa de tal pesquisa se deu pela preocupação com a saúde mental da população adulta em meio a significativas mudanças no cotidiano, como alterações em hábitos diários, rotinas domésticas diferenciadas, ausência de contato social intra e extrafamiliar, perda de pessoas próximas, excesso e atravessamento de notícias monotemáticas nas mídias, entre outras características relevantes. O público-alvo da pesquisa foram 174 pessoas, compreendendo a faixa etária de 21 a 75 anos, sendo a grande maioria residentes em cidades brasileiras, de ambos sexos, diferentes classes socioeconômicas e das mais variadas atuações profissionais. Utilizou-se como ferramenta de coleta de dados um questionário lançado na plataforma *Google Forms*. O instrumental mesclou 22 perguntas abertas e fechadas acerca do cotidiano das pessoas em tempos de pandemia. A perspectiva metodológica combinou estatística multivariada, envolvendo enquadres e análises estatísticas (parte quantitativa) e análise de conteúdo (parte qualitativa), de modo a permitir maiores aprofundamentos e amplitude do tema estudado. Os resultados apontaram, de modo geral, para sensações e sentimentos contraditórias entre os sujeitos pesquisados, envolvendo esperança e a possibilidade de encontros significativos para alguns e, já para outros, o desamparo, sofrimento e resignação decorrentes da quarentena e isolamento social vividos. Foi evidenciado também marcas psíquicas ocasionadas pelo momento pandêmico, como produção de manifestações inconscientes específicas a partir dos conteúdos oníricos observados, alterações em hábitos alimentares, entre outras alterações relevantes na vida cotidiana da população estudada.

Palavras-chaves: Covid-19, Pandemia; Inconsciente; Sofrimento; Esperança.

## ABSTRACT

This study is the result of a survey conducted by the publishers of Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia, about the impact of the coronavirus pandemic on the Brazilian adult population. The justification for the study arose from concern for the mental health of the adult population in the midst of significant changes in everyday life, such as alterations in daily habits, differentiated domestic routines, absence of social contact within family and outside of it, loss of loved ones, excess monothematic news in the media, among other things. The public subject of the study were 174 people, comprising the age range between 21 and 75, the vast majority being resident in Brazilian cities, both of both sexes, different socioeconomic classes and the most varied professions. The data from a survey launched on the Google Forms platform have been used as a tool for this study. The study mixed 22 open and closed questions about people's everyday life in during the pandemic. The methodological perspective encompasses multivariate statistics, involving statistical framing and analysis (quantitative part) and content analysis (qualitative part) , in order to allow greater depth and breadth of the subject studied. The results show, in general, contradictory sensations and feelings among the subjects studied. Involving hope and the possibility of significant encounters for some and, the consequent helplessness, suffering and resignation of the quarantine and social isolation experienced for others. It was also evidenced psychic marks caused by the pandemic, such as production of specific unconscious manifestations through the observed dream content, alterations in eating habits, among other relevant alterations in the daily life of the population studied.

Key- words: Covid-19, Pandemic; Unconscious; Suffering; Hope.

## RESUMEN

El presente estudio es fruto de una encuesta desarrollada por los editores de Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia, acerca del impacto de la pandemia del coronavirus en la población adulta brasileña. La justificación del estudio surgió por la preocupación con la salud mental de la población adulta en medio de significativos cambios en lo cotidiano, como alteraciones en hábitos diarios, rutinas domésticas diferenciadas, ausencia de contacto social intra y extrafamiliar, pérdidas de personas cercanas, exceso de noticias monotemáticas en los medios de comunicación, entre otras características relevantes. El público objeto del estudio fueron 174 personas, comprendiendo la franja de edad entre 21 y 75 años, siendo la gran mayoría residentes en ciudades brasileñas, de ambos sexos, diferentes clases socioeconómicas y de las más variadas profesiones. Se han utilizado como herramienta de estudios los datos de una encuesta lanzada en la plataforma Google Forms. El instrumental mezcló 22 preguntas abiertas y cerradas acerca de lo cotidiano de las personas en tiempos de pandemia. La perspectiva metodológica engloba estadística multivariada, involucrando encuadres y análisis estadísticos (parte cuantitativa) y análisis de contenido (parte cualitativa), de manera que permita mayor profundidad y amplitud del tema estudiado. Los resultados demuestran, de manera general, para sensaciones y sentimientos contradictorios entre los sujetos estudiados, involucrando esperanza y la posibilidad de encuentros significativos para algunos y, ya para otros, el desamparo, sufrimiento y resignación consecuentes de la cuarentena y aislamiento social experimentados. Fue evidenciado también marcas psíquicas ocasionadas por el momento pandémico, como producción de manifestaciones inconscientes específicas a través de los contenidos oníricos observados, alteraciones en hábitos alimenticios, entre otras alteraciones relevantes en la vida cotidiana de la población estudiada.

Palabras-clave: Covid-19, Pandemia; Inconsciente; Sufrimiento; Esperanza.

## INTRODUÇÃO

Resolvemos começar esse texto pelo fim. Nós, editores da Pathos, gostaríamos de deixar aqui nosso abraço para às pessoas que, gentilmente, responderam nossa pesquisa. Sabemos que normalmente abraços são dados no final, mas resolvemos inverter nosso texto/encontro, começando por desejar algo que nos faz tanta falta nos dias de hoje.

Estamos passando por um momento único e dramático na história da humanidade e as respostas que vocês tão generosamente forneceram ajudam-nos, de alguma forma, a tentar compreender os sentimentos e comportamentos que nos acompanham nos dias de hoje.

A presente pesquisa fornece uma possibilidade de encontro afetivo que nos convoca a olhar para nós mesmos em tempos de pandemia. Acreditamos que o universo adulto, regido socialmente por seus protocolos concretos, cotidianos e práticos, vem sendo mobilizado e convocado a um novo lugar, sendo repensado na situação de enfrentamento do Coronavírus.

Dessa forma, nosso dia a dia, potencialmente afetado e transformado pelo COVID-19, pode nos levar a uma nova possibilidade de Ser e Fazer subjetivo e social. Questionamo-nos como isso vem sendo sentido e vivido pela população adulta brasileira e quais suas repercussões e possíveis modificações, sejam elas benéficas ou não.

Assim, pensamos se as possíveis manifestações decorrentes do período de pandemia poderiam ser expressadas de maneira consciente e autoral pelos sujeitos, ou se, simplesmente, estaríamos vivendo tais manifestações desprovidos de qualquer tipo de tentativa de consciência e elaboração. Desse modo, correríamos o risco de viver a situação somente como um sintoma, distantes de níveis de elaboração psíquica:

São 'inconscientes' em uma sociedade tanto as passagens de sua história relegadas ao esquecimento quanto as expressões silenciadas, cujos anseios não encontram meios de se expressar. Excluído das possibilidades de simbolização, o mal-estar silenciado acaba por se manifestar *em atos* que devem ser decifrados (Kehl, 2009, p.25).

A partir da afirmação de Kehl (2009), podemos pensar inicialmente que todas as pessoas possuem a necessidade de decifrar o mal-estar vivido, porém por vezes silenciado, ou apenas sintomaticamente falado. Entendemos que o movimento de dar voz a esse silêncio ou sintoma poderia nos levar a uma possibilidade de elaboração e transformação, tornando o inconsciente um pouco mais conhecido e decifrado.

Ao alcançarmos tais conteúdos inconscientes presentes em uma sociedade vítima de uma situação com características de assolamento mundial, poderíamos nos deparar com facetas indigestas de nosso próprio psiquismo ou até mesmo com potenciais elaborativos. Dores, revoltas, crueldade, ruína, poderiam ser presentes em nosso atual cotidiano, bem como solidariedade, responsabilidade e humanidade. Freud (1930/1996) em seu texto intitulado: O mal-estar na civilização, nos aponta caminhos possíveis de encontro psíquico:

Assim nossas possibilidades de felicidade são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e finalmente, de nossos relacionamentos com as outras pessoas (Freud, 1930/1996, p 84, 85).

O aspecto da morte, tanto concreta como subjetiva, por vezes é convidada a se fazer presente em tempos atuais e provavelmente não estaríamos prontos para recebê-la. Contudo, entendemos que a pandemia oferece a possibilidade também de poder permitir, simbolicamente, que certos conteúdos morram e que outros tenham uma nova chance de nascer. Nesse processo de aproximação com a morte, a vivência do vazio tende a emergir. Entretanto, é importante ressaltar a existência da diferença entre o vazio vivido pelo enlutado, aquele que vive o luto, e o melancólico, aquele acometido pela melancolia, isto é, o melancólico nos mostra um rebaixamento extraordinário de si mesmo, um enorme empobrecimento do ego. No luto é o mundo que se tornou pobre e vazio, na melancolia é o próprio ego do sujeito (Freud, 1917/1996). Caberia aqui a pergunta se a pandemia do Covid-19 teria poder de nos aproximarmos, não somente da vivência do luto, enquanto perda e vazio externo, mas também de facetas melancólicas, onde essa falta impactaria na forma como o sujeito se olha e se reconhece.

Questionamo-nos sobre o que precisaria deixar de existir para que outros aspectos pudessem surgir? Por mais estranho que possa parecer, a pandemia e a perda de certos rituais e protocolos cotidianos, ofertam-nos a chance de viver o até então reprimido. Quantos de nós, numa realidade como a cidade de São Paulo, por exemplo, em algum momento, não ficou aliviado em não precisar enfrentar horas e horas de trânsito? Quantos de nós não chegou a ouvir de alguém ou mesmo chegou a pensar, defensivamente ou não, que estavam gostando da situação de não precisar, nesse momento atual, desempenhar uma infinidade de coisas? Acreditamos que, uma parcela da população, mesmo isolada, presa e enclausurada, se sente livre de certas obrigações, de certa aceleração propiciada pela vida cotidiana de antes da pandemia. Obviamente, muitos aqui estariam lendo tais palavras e discordando de tal vivência, ao que dariam tudo para retomar as rotinas de suas vidas, outrora, por vezes, reclamada.

Rolando (2001) aponta que um ser humano lutando por sua liberdade se sujeitaria inclusive à morte se assim fosse necessário. Diante disso necessitaríamos de um indivíduo minimamente esclarecido de seu lugar subjetivo e social enquanto um sujeito de direito, autorizado a desejar e que estivesse disposto a colocar em morte seus próprios anseios, medos aprisionantes e com isso uma sustentação de seu eu no mundo.

Mas como sustentar um desejo individual e subjetivo, por vezes libertador, em um momento em que se clama socialmente por coletividade? Quantos de nós, culpados ou não, em alguma medida, já não furaram a quarentena de alguma forma? Vale ressaltar aqui que não se trata, em nenhum momento, de uma apologia a quebra de protocolos de segurança, mas sim uma humanização que tenta se aproximar de uma provável realidade interna existente em boa parte da população. Segundo Freud (1900/1996), os sintomas estariam, bem ou mal, a serviço disso, isto é, se desenvolveriam para dar conta do dito impedido de realizar-se, do reprimido.

Somos cotidianamente, em especial nesse momento de pandemia, convidados a digerir inúmeras informações, por vezes monotemáticas, formadoras de opinião. Tal manifestação levaria ao surgimento de estereótipos acerca do momento pandêmico vivido. Com isso, o dito estereótipo engessaria nosso Ser e Fazer, correndo o risco de nos tornarmos seres automatizados acerca do sentir e do pensar, nos obrigando a chegarmos a uma opinião rápida acerca do fenômeno atual vivido.

O que se torna certo, correto e adequado corre o risco de passar a ser uma cartilha hipócrita e impossível de ser seguida. Os dados são passados por vezes carregados de símbolos e marcas que definem e conduzem a forma de ver e entender o mundo. Se antes do Covid-19, com a autorização pseudodemocrática ofertada pela internet de dar voz a “todos”, ao que “todos podem” opinar sobre tudo o que quiser, hoje, frente a pandemia, o lugar de julgamento do outro ocupa, certamente, as primeiras paradas de sucesso.

Paramos para pensar como tal vivência cultural opressora poderia nos afetar, uma vez que, por vezes, podemos ocupar os dois lugares, tanto o de julgador como o de julgado. Acreditamos assim como Bauman (2001), que parte da população se torna escrava de uma velocidade de informações, com a urgência por definições rápidas e precisas, tendo como principal recurso o surgimento e a manutenção dos estereótipos, e com isso também, o surgimento de mais sintomas.

Dessa forma, são alguns desses inúmeros sintomas humanos que nos convocam, enquanto pesquisadores, a nos debruçarmos na tentativa de entender o impacto do Covid-19 em parte da população adulta brasileira.

## **MÉTODO**

No período de abril a junho de 2020, 174 brasileiras e brasileiros responderam a um questionário semiestruturado, por nós desenvolvido, contendo 14 perguntas, subdivididas em questões abertas e fechadas. Tal questionário focou nos efeitos psicossociais decorrentes da quarentena e pandemia do COVID-19 sobre uma parcela da população adulta brasileira. Utilizamos como método de aplicação e coleta de dados a ferramenta disponibilizada pelo Google Forms.

A participação foi totalmente voluntária e o questionário ficou disponibilizado online durante o período de 3 meses. Quanto as características sociodemográficas da amostra pesquisada, dos 174 participantes da pesquisa, 127 se autodeclararam mulheres e 47 homens. Cerca de 80% residem no estado de São Paulo e, os demais, distribuem-se entre algumas cidades do sudeste e sul do país. Uma pequena parcela dos participantes (4,5%) foi composta, também, por brasileiros residentes em cidades da Europa e América do Norte. Em relação as idades, a faixa etária variou de 21 a 75 anos, de diferentes classes socioeconômicas, níveis de instrução e áreas de atuação profissional.

O objetivo geral do questionário foi o de procurar fazer uma análise de certos comportamentos durante a pandemia do novo coronavírus e, em especial, procurar compreender os sentimentos e perspectivas diante do isolamento social. Ressaltamos que a identidade dos voluntários participantes foi mantida em sigilo, e nenhum dado, que porventura, pudesse identificá-los foi exposto.

A ideia do projeto de pesquisa está embasada dentro da proposta de pesquisa mista, tanto quantitativa em função da expressividade em questões numéricas (174 participantes) e qualitativa mediante o instrumento de coleta de dados e do tipo de análise escolhida, nesse caso análise de conteúdo (Bardin, 2009).

A perspectiva metodológica desta pesquisa então combina análise de conteúdo e estatística multivariada. Esse desenho metodológico consiste na triangulação entre os elementos quantitativos, qualitativos e o objeto estudado, de modo a permitir maior amplitude e aprofundamento do problema pesquisado. Parafanhos (2011, p. 391) entende que o "pressuposto central que justifica a abordagem multimétodo é o de que a interação entre eles fornece melhores possibilidades analíticas". Entendemos, portanto, que os dados quantitativos possibilitaram ensejo para análises mais elaboradas das respostas de ordem qualitativa, justamente por serem informações que se completam.

Tal escolha por uma pesquisa mista versa sobre o desejo de contemplar minimamente uma expressividade, tanto no caráter macro e geral como também subjetivo e pessoal. Entende-se a importância das pesquisas quantitativas e suas respectivas estatísticas para o surgimento de novas políticas públicas, o que justifica a escolha conjunta por uma pesquisa que contemple um número de participantes consideráveis e representativos.

Já em relação ao método qualitativo, Turato (2005), aponta sua base na fenomenologia, uma vez que visa a experiência do saber coletivo a partir do vivido, podendo utilizar também a psicanálise como pressuposto teórico básico. Segundo a autora, a função do pesquisador dentro do método qualitativo seria o de compreender o sentido e o significado do fenômeno estudado a partir da relação humana e da sociedade. Nesse tipo de pesquisa os instrumentos de coleta de dados mais adequados seriam aqueles com características semidirigidas.

A pesquisa qualitativa se preocupa com aquilo que não pode ser somente quantificado. Ela foca o universo dos significados, motivações, desejos, valores e ações, tudo relacionado ao campo das relações, dos fenômenos impossíveis de serem tratados ou enquadrados somente como simples variáveis (Minayo, 1996).

Segundo Tardivo (2007) a teoria e clínica são inseparáveis e o material clínico não está a serviço somente da pesquisa e de seus benefícios, ao que a mesma afirma:

Quero deixar expresso meu empenho em discutir esses temas, e não em propor de antemão o que vou encontrar depois num modelo de ciência tautológica, em que se busca na prática o que já está escrito na teoria, e volta a se fazer isso num círculo vicioso, que a meu ver não traz contribuições. Penso numa aproximação crítica, numa reflexão a partir de ideias fecundas (...) (Tardivo, 2007, p. 25).

Foi utilizado também bases do Método Dialético. De acordo com Gil (2008) tal método empregado em pesquisa qualitativa foi desenvolvido por Hegel e revisado por Marx. Consiste em entender os fatos a partir de um contexto atual, social, político e econômico. Tal universo se apresentaria a partir de suas contradições e manifestações. Lakatos e Marconi (2007) apontam que dentro do método dialético o olhar para o fenômeno deve ser dinâmico, ou seja, o mundo está sempre em processo de transformação, nada é fixo ou estático. Defendem também que o processo não é isolado e que há sempre alguma conexão entre os fatos, ao que “o fim de um processo é sempre o começo de outro” (p. 101).

Spink (1993) acerca das representações sociais, aponta que as mesmas seriam interpretações da realidade, ou seja, a relação com o real nunca é direta; é sempre mediada por categorias históricas e subjetivamente constituídas. O imaginário social seria o conjunto cumulativo das produções culturais que circulam numa sociedade sob as formas e maneiras mais variadas. As representações podem também surgir pelos produtos que circulam publicamente por meio das mídias e das inúmeras versões populares.

Utilizamos também na análise dos dados coletados, a análise de conteúdo temática de Bardin (2009). Este tipo de análise aplica-se a textos escritos, comunicações orais, imagéticos, projetivas ou mesmo gestuais, nos permitindo uma maior compreensão do fenômeno e atribuindo-lhes sentidos e significados, sendo o desvendar crítico como a função primordial da análise do conteúdo. Seria correto afirmar que não deixa de ser uma análise de significados, permitindo dessa forma sua posterior interpretação acerca dos dados coletados.

De acordo com Coutinho (2011), a técnica de análise do conteúdo tem por objetivo compreender criticamente o sentido das manifestações e comunicações dos atores sociais, seu conteúdo manifesto ou latente, conscientes ou inconscientes. Neste estudo, a discussão da Análise de Conteúdo foi desenvolvida à luz da psicanálise, dos movimentos projetivos e também das representações sociais dos indivíduos pertencentes na amostra.

Os níveis manifesto e latente estão relacionados às ênfases na *objetividade ou na subjetividade*, entre as quais oscila a análise de conteúdo. Isto corresponde a uma leitura que capta não só o concreto e palpável, mas também o que encontra-se nas entrelinhas, fatores inconscientes e/ou indizíveis (Moraes, 1999, p. 11).

A análise de conteúdo, seria um tipo de metodologia de pesquisa que engloba um conjunto de técnicas de análise das comunicações do sujeito. Para tanto, esse tipo de técnica utiliza procedimentos criteriosos e sistemáticos, na descrição do conteúdo das mensagens coletadas. Pode ser utilizada tanto em pesquisas qualitativas ou quantitativas (Bardin, 2009).

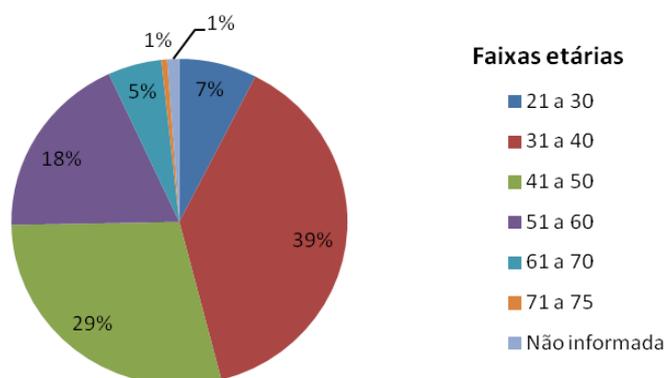
No conteúdo manifesto, caracterizado pelo concreto e palpável, poderia ser interpretado a partir do movimento dedutivo ao que procura mais explicações e generalizações probabilísticas. Já o conteúdo latente, geralmente inconsciente, poderia ser interpretado a partir do movimento indutivo, ao que visaria a compreensão dos fenômenos investigados. A abordagem dedutiva na maior parte das vezes parte de uma teoria prévia, enquanto a indutiva visa chegar à uma teoria, ao que sua finalidade não seria de generalizar ou testar hipóteses, mas construir uma compreensão mais ampla e profunda dos fenômenos investigados (Moraes, 1999).

## RESULTADOS QUANTITATIVOS

Inicialmente apresentaremos os resultados quantitativos acerca do público-alvo pesquisado, utilizando para isso gráficos demonstrativos e comparativos com o intuito de maior facilidade de visualização de determinadas características sociodemográficas. Alguns cruzamentos de dados foram executados no intuito de analisar variáveis que nos chamaram a atenção.

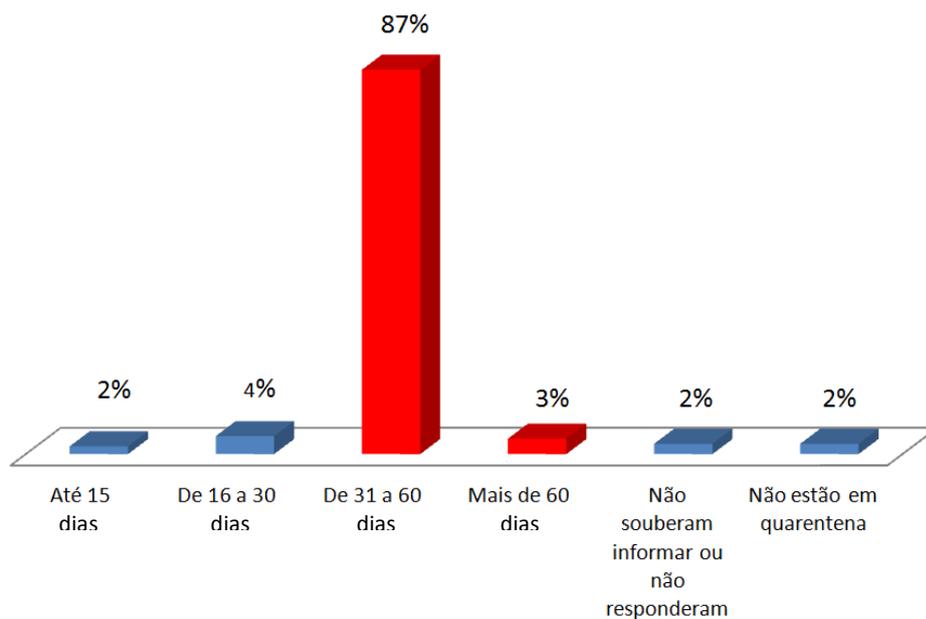
No que se refere a faixa etária dos participantes, embora a grande maioria estivesse entre os 31 e 60 anos, houve também representatividade de outras faixas etárias, mesmo que em número menor como podemos observar no gráfico a seguir:

**GRÁFICO 1: Faixa etária dos participantes**



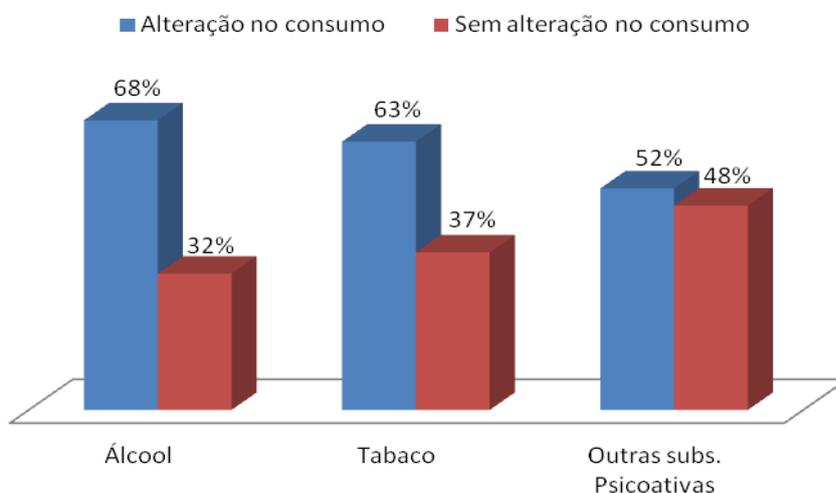
FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

Quanto ao número de dias que as pessoas estavam em quarentena, 94% dos sujeitos estavam, na época do preenchimento do inquérito, há mais de 30 dias em isolamento social, o que nos leva a considerar que boa parte da amostra já se encontrava com vivência de quarentena, ou seja, que a maioria dos participantes já possuía empirismo perante o isolamento social no momento em que responderam o questionário, característica essa que valida a amostra pesquisada acerca do fenômeno pandêmico abordado, vejamos:

**GRÁFICO 2: Dias na quarentena**

FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

Dos sujeitos que declararam fazer uso de substâncias — a saber, álcool, tabaco e outras substâncias psicoativas — uma parcela significativa notou alteração no padrão usual de consumo, conforme gráfico a seguir:

**GRÁFICO 3: Impacto da quarentena no padrão de uso de substâncias**

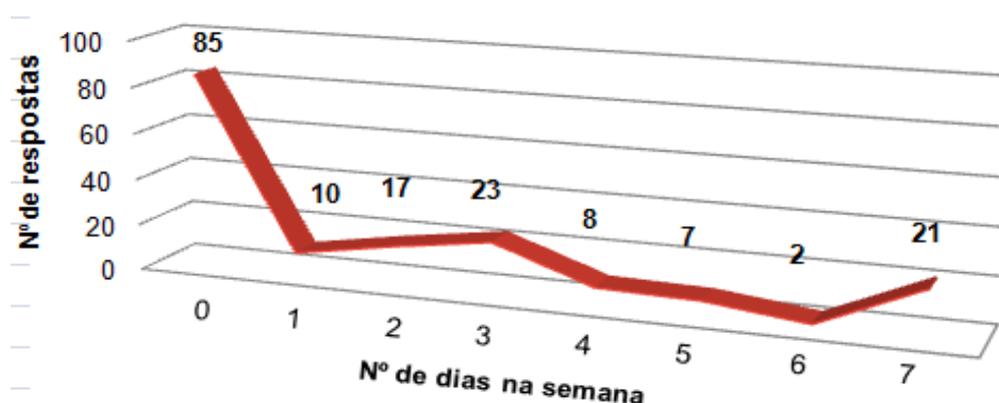
FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

Podemos perceber que, a alteração do uso de substâncias está associada as situações de estresse vividas em tempos de pandemia. De acordo com o Professor Colaborador Médico do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP e coordenador do GREA (Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas), Dr. André Malbergier:

Esse é um modelo bastante antigo, no qual as pessoas buscam nas substâncias o que chamamos de *coping*, uma palavra em inglês que tem associação com a maneira de enfrentarmos os problemas e também com a nossa resiliência. É a forma como reagimos às situações de estresse, ameaça, ansiedade e desconforto emocional. Algumas pessoas respondem a esses sentimentos negativos através do uso de drogas, e é o que a gente tem percebido nessa pandemia; as pessoas acabam usando drogas mais sedativas e anestésicas (álcool e maconha, por exemplo) e usam menos drogas estimulantes, principalmente porque não estão ocorrendo as famosas *raves* e festas – locais que têm maior índice do uso de êxtase ou ácido. Então, sim, é uma forma de sedação, de anestesia e de reação a esses sintomas negativos ligados a sofrimento, ansiedade, estresse, imprevisibilidade – não sabemos quando vai acabar, não sabemos se vamos nos contaminar ou se as pessoas que gostamos vão pegar o coronavírus também. (p1, 2020)

O próximo gráfico traz uma representação acerca do número de dias de insônia vividos ao longo da semana. Percebemos uma quantidade significativa de respostas assinaladas no campo "0", representando 50% da amostra. No que tange o restante das respostas, observamos alguns picos com mais de 20 respostas assinaladas em três e sete dias de insônia:

GRÁFICO 4: Nº de dias de insônia na semana

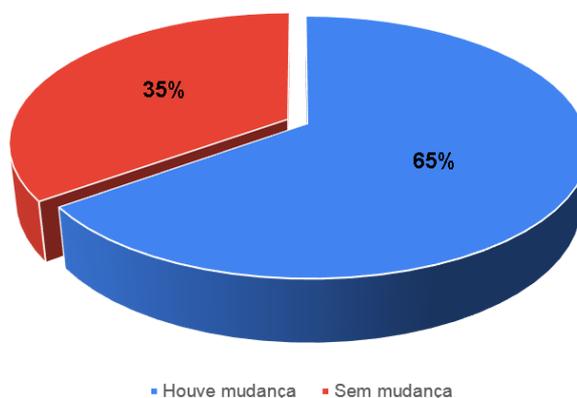


FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

Isso nos leva a pensar que para metade da amostra talvez a não interferência no sono pode significar aspectos de resiliência frente ao momento de pandemia. Outra hipótese poderia ser a necessidade de manter o sono com qualidade e garantir certo desligamento saudável e defensivo da realidade vivida, se protegendo e preservando aspectos vitais para a saúde física e emocional.

Quando perguntado se foi observado mudanças no padrão de alimentação, das 174 respostas apenas 60 referiram não notar piora na qualidade das refeições, enquanto 114 sujeitos referiram importantes mudanças na qualidade alimentar, relacionado a ingestão de doces, carboidratos e gorduras. Vejamos melhor essa diferenciação no gráfico abaixo:

**GRÁFICO 5: Alteração no hábito alimentar em tempos de pandemia**



FONTE: Dados da pesquisa, 2020.

Quando perguntados sobre acreditarem que poderia existir algo de bom nesse momento, apenas 11% responderam que não, contra 89% que relataram acreditar que algo positivo possa estar surgindo, apesar da pandemia e do isolamento social. Entre os que responderam afirmativamente, ter mais tempo para estar com as pessoas que realmente importam foi o motivo mais citado, seguido por estar mais em contato consigo mesmo, e ter mais tempo para o autoconhecimento, reflexões pessoais e para rever prioridades em sua vida.

Com relação a relacionamentos interpessoais, 28% dos entrevistados responderam que não notaram alterações na qualidade das relações, 21% citam uma piora, com um aumento nos conflitos e menor tolerância. No entanto, 51% dos pesquisados relatam que, tendo mais tempo juntos, houve mais possibilidades de diálogos, mais colaboração e tolerância e, portanto, a qualidade das relações ficou evidente, denotando elementos de esperança frente a situação atual.

Nesse momento recorremos ao conceito de *Esperança* de Winnicott (1999), ao que o autor aponta para a necessidade da presença de tal elemento como fundante para o reencontro com aquilo que outrora fora extinto. Tal situação de perda daria ao sujeito a chance, através do elemento de Esperança, de reencontrar aquilo que foi perdido ao longo do caminho. Tal elemento foi muito estudado por Winnicott na década de 40 e no pós-guerra, acerca das privações e deprivações sofridas por crianças e adolescentes, denominado por ele de condutas e comportamentos com tendências antissociais.

Sendo assim, condutas desviantes e comportamentos inadequados, seriam, em certa medida, a manifestação da *Esperança* em reaver aquilo que outrora foi extinto ao sujeito, geralmente suprimido em hora inapropriada e de maneira abrupta. O paralelo que realizamos é que a pandemia, poderia também, nos aproximar de tais condutas tidas como desviantes do protocolo sugerido, como por exemplo, furar a quarentena, se revoltar com a situações atuais, se tornar impacientes e agressivos. Tais manifestações, a partir desse paralelo, poderiam denunciar também a tentativa de reaver aquilo que nos foi roubado pela pandemia, nossa vida, nosso cotidiano, nosso Ser. Uma vez alcançado minimamente aquilo que foi perdido, tais condutas teriam a chance de diminuir ou sintomaticamente deixarem de existir, uma vez que aquilo que foi perdido, pôde, mesmo que de forma paliativa, ser reencontrado.

## RESULTADOS QUALITATIVOS

A partir das respostas coletadas nas perguntas abertas, a partir de questões dissertativas, chegamos a alguns resultados que nos chamaram a atenção, nos possibilitando a construção de categorias de análise, em destaque:

- 1) Frequência e tipo de sonhos e/ou pesadelos em tempos de pandemia,
- 2) Perspectivas de futuro da humanidade no pós-pandemia e o local de destino ao retorno do desejo,
- 3) Piores enfrentamentos no momento pandêmico atual versus possibilidades de existência de algo bom e positivo frente ao COVID-19.

Vale ressaltar que o método de discussão aqui empregado foi baseado na análise de conteúdo (Bardin, 2009), mais detalhadamente explicitado no tópico anterior designado ao método. Pela extensão da amostra e dos inúmeros tópicos abordados no questionário, foi necessário a construção de um recorte mais detalhado de quais categorias que seriam aqui exemplificadas. Com isso, optamos por seguir de forma mais explanada pela categoria 1: Frequência e tipo de sonhos e/ou pesadelos em tempos de pandemia, que foi subdividida em outras 4 subcategorias designadas como: A) O protagonismo do Medo, B) O impedimento de sonhar e o surgimento da repressão, C) A convocação do inconsciente para o enfrentamento e D) A aproximação do sentimento de morte e de perda em meio a pandemia.

### ***Categoria 1 - Frequência e tipo de sonhos e/ou pesadelos em tempos de pandemia.***

Percebemos ao longo do relato dos participantes temáticas mais frequentes na produção e construção dos sonhos. O processo onírico para uma parcela representativa dos participantes aumentou e se tornou mais expressivo nesse período de pandemia. Optamos em apresentar aqui alguns dos temas mais frequentes entre os sujeitos da pesquisa, bem como alguns trechos de parte dos sonhos e pesadelos relatados, vejamos:

*Subcategorias:*

## A) “O protagonismo do Medo”

O sentimento de medo, tomou conta do imaginário e do inconsciente de boa parte dos participantes. Parece que de alguma forma, aquilo vivido no real, de forma direta ou indireta, atravessa e invade o campo do inconsciente.

*Perseguição, medo, exposição são elementos que comumente tem feito parte do enredo de meus sonhos...(sic)*

*Diversos tipos de pesadelo, sonho com a minha ex, sonho que meu pai cuspiu sangue e estava com coronavírus e todos nós ficamos com medo da situação...(sic)*

*O medo antes de dormir, medo do escuro, monstros e tal, voltou.. (sic)*

*Na maioria deles estou à procura de algo que me pertence, mas não encontro, o que traz uma angústia e medo além do normal...(sic)*

*Pesadelos com violência humana, medo, sonhos angustiantes e sobre pressão... (sic)*

Podemos notar que elementos mais vulneráveis surgem nos trechos citados, como se todos estivessem disponíveis e suscetíveis a situações envolvendo terror, falta de controle e fragilidade. Tais conteúdos representam bem o momento atual vivido, ao que o medo ganha protagonismo. Medo do escuro e monstros, situações essas que podem denotar aspectos mais fragilizados relacionados a infância. O inesperado toma conta e as fantasias tendem a ganhar espaço.

*Sonhei com animais, lembranças que se misturam com coisas atuais, desconforto... Sonhei com vários animais maltratados, elefantes, tigres, amarrados na frente das casas, sangrando, e eu sentia a dor deles...(sic).*

*Sonhei que estava em uma chácara no interior, há dois meses, viram uma onça parda perto daqui. Isso ficou no meu subconsciente. Sonhei que ela entrou em casa e quase atacou minhas filhas... (sic).*

*Ratos em minha volta. Tenho horror/ medo desde infância...(sic).*

Podemos perceber a presença de elementos mais instintivos nos trechos dos sonhos acima descritos, como por exemplo a figura de animais tanto assumindo o lugar de vítimas, no caso os “animais maltratados” (sic), como também os animais representantes do horror: “Ratos em minha volta. Tenho horror” (sic).

Ferenczi, psicanalista húngaro do século XX, atribuiu como função sonho, para além da realização de desejo, a tentativa de lidar com situações traumáticas que não encontram outra via de elaboração. É possível inferir que conteúdos traumáticos estejam se valendo dessa janela do inconsciente, bem como dos restos diurnos<sup>1</sup> suscitados pelas imagens e notícias monotemáticas acerca da pandemia, para se atualizar:

(...) penso, entretanto, que o retorno dos restos diurnos já representa por si mesmo uma das funções do sonho. Pois se observarmos com minúcia a relação entre a história pessoal e os conteúdos oníricos, torna-se cada vez mais evidente que aquilo que chamamos de restos diurnos (e podemos acrescentar: restos de vida) são, de fato, sintomas de repetição de traumas (Ferenczi, 1992. p. 111).

Assim, a repetição de pesadelos entre os sujeitos da pesquisa no período da quarentena demonstra tanto o aspecto subjetivo de cada um, no que tange a possibilidade de estar relacionado a conteúdos traumáticos, e do coletivo, quando a dramatização onírica toma como um de seus elementos o horror atinente a ao COVID-19. Parece-nos que os impactos sócio-sanitários decorrentes da pandemia levou parte da amostra a retornar ao passado, como se estivessem se reconectando com traumas e situações outrora vividas, talvez na expectativa de elaborar o que ainda não havia sido elaborado:

*Sonhei que estava atendendo pacientes em hospital e não tínhamos EPIs e os leitos estavam lotados. Acordei assustada e tensa. Faz 9 anos que não trabalho em hospital. Trabalhei no Hospital das Clínicas – SP, no H1N1 (sic).*

*Vinha tendo muitos sonhos agitados. Sonhava com situações corriqueiras e pessoas que não via há um tempo... Sonho muito com fatos do passado... (sic).*

Tal conexão nos leva ao fato de olhar e entender o inconsciente e suas manifestações como algo atemporal e livre, nos dando a oportunidade de caminhar no tempo de maneira mais fluida. O que nos promove a reflexão de que também o período de pandemia pode nos potencializar a buscar em nosso universo interno recursos de enfrentamento.

Como uma espécie não somente de chance de elaboração e manifestação dos desejos, os sonhos poderiam aqui funcionar como uma espécie de memória, exercendo a função de espelho de nossa própria história, nos dando, mesmo que de forma incômoda, um reflexo de nossas marcas psíquicas mais relevantes e por vezes, traumáticas. Embora entendemos a situação angustiante e indigesta que alguns sonhos podem trazer ao indivíduo, fazemos questão de marcar tal fenômeno como algo potencial de elaboração, uma vez que tais sonhos nos fazem lembrar de algumas situações vividas, e assim, talvez, como uma espécie de alerta e de prova, nos possibilitar a sensação de que possuímos condição de enfrentamento e não somente como uma repetição e revivência pura e simples da cena traumática.

B) “O impedimento de sonhar e o surgimento da repressão”

A manifestação onírica foi vista, entendida e interpretada por Freud (1900/1996), como uma forma de se acessar os próprios desejos reprimidos. Tal caminho percorrido e acesso pela consciência daria ao sujeito a possibilidade de conhecer mais de si mesmo e de seu mundo interno. No presente momento, a partir de uma vivência social altamente repressora (pandemia, confinamento e isolamento social), identificamos também em parte dos participantes da pesquisa, pessoas que relataram ausência de produção de sonhos e/ou que chegam a sonhar, mas não possuíam lembrança dos conteúdos.

*Não tenho tido sonhos e pesadelos (sic).*

*Sim! Mas não me lembro, sonhos sem pé e cabeça (sic).*

*Não, zero sonhos (sic).*

*Não tenho, ou tenho insônia ou durmo sem lembrar de nada (sic).*

*Não consigo lembrar, mas tenho tido muitos sonhos/pesadelos (sic).*

*Pesadelo não, mas tenho tido menos sonhos (sic).*

*Infelizmente, ainda não consigo lembrá-los, logo, eu não sei se tenho pesadelos (sic).*

*Tenho sono mais agitado, não sei se são pesadelos (sic).*

Parte de vocês diriam que não sonhar ou se esquecer dos sonhos seria algo cotidiano e pertencente ao universo humano. Contudo, entendemos que, uma vez a subjetividade sendo atualmente convidada e convocada a se retirar de cena ou a se isolar, não seria estranho que os conteúdos mais íntimos e verdadeiros não encontrassem muito espaço para se manifestar, nem mesmo por meio do movimento onírico. A atuação de defesas psíquicas poderia aumentar em nosso cotidiano, uma vez que teríamos, em razão de uma sobrevivência física, ética, cultural e social, ter que abrir mão de nossos próprios desejos em razão de um bem-estar social maior.

Segundo Freud (1900/1996), existem diversos motivos relacionados ao esquecimento do conteúdo dos sonhos. O autor aponta que é natural, com certa frequência, esquecermos de nossos conteúdos oníricos. Freud traz também que alguns conteúdos necessitariam ser mantidos no inconsciente, ao que outros, a princípio, mais banais, poderiam livremente de censura, emergir para a consciência. Vale a pena ressaltar que, para o mesmo autor, os sonhos seriam manifestações de nossos desejos, desejos esses, por vezes, impossíveis de serem alcançados ou mesmo autorizados.

Com isso, uma vez o conteúdo de nossos desejos tornando-se reprimidos e/ou recalçados, o caminho tomado como possibilidade de deslocamento de energia psíquica poderia estar associado ao movimento interno denominado sublimação. Segundo Freud (1930/1996) tal ação psíquica levaríamos ao gesto criativo de resignificar e designar a libido para determinadas funções deslocadas:

Outra técnica para afastar o sofrimento reside no emprego dos deslocamentos de libido que nosso aparelho mental possibilita e através dos quais sua função ganha tanta flexibilidade. A tarefa aqui consiste em reorientar os objetivos instintivos de maneira que eludam a frustração do mundo externo. Para isso ela conta com a assistência da sublimação dos instintos. Obtém-se o máximo quando se consegue intensificar suficientemente a produção de prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Quando isso acontece, o destino pouco pode fazer contra nós. Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo as suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos (...) E mesmo para os poucos que os possuem, o método não proporciona uma proteção completa contra o sofrimento. Não cria uma armadura impenetrável contra as investidas do destino e habitualmente falha quando a fonte do sofrimento é o próprio corpo da pessoa. (p. 87)

A presença de perspectivas reais enquanto deslocamento da energia psíquica, pode ser entendido então como uma saída de saúde, principalmente em tempos de pandemia. Porém, quando corremos o risco de termos nossos corpos afetados pelo COVID-19, acreditamos que o reprimido poderia ficar impossibilitado de ser sublimado, pois o gesto criativo poderia ficar interrompido, não possuindo contornos estruturantes capazes de devolver ao sujeito uma satisfação e alcance psíquico enquanto gesto criativo.

C) “A convocação do inconsciente para o enfrentamento”

Parece que de alguma forma, o sonho desses participantes denota a necessidade de enfrentamento. O pesadelo, sendo entendido aqui como uma espécie de sonho que não deu certo, no sentido de possibilidade de realização do desejo, chega convocando o sujeito para o enfrentamento do cotidiano. Nos sonhos os conflitos e a necessidade de encarar as situações se torna mais frequente. Mudanças de conteúdo onírico foram percebidos por parte da amostra pesquisada, denotando que com a pandemia o inconsciente passa também a ser mais acionado e exigido:

*Mudou o foco, agora sonho que estou sempre em discussão política. Já "estive" na Amazônia brigando com Salles. Sonhei com a minha chefia, ou que voltei a trabalhar. O último foi alguém me chamando para socorrer minha mãe, que mora próximo a mim e sozinha (sic).*

*Acordo muitas vezes com vontade de chorar. Noites agitadas, com alguns sonhos sem sentido... Sonho estar perdida (sic).*

Como podemos ver nos trechos acima, situações conflitantes, fantasias de onipotência, senso de responsabilidade interpelam e convocam parte dos sujeitos, ao que a possibilidade de sonhar e “resolver” conflitos se transforma no terror de um pesadelo sem possibilidades de resolução.

Freud (1900/1996) refere e nomeia, ao longo de sua obra sobre a interpretação dos sonhos, o surgimento de sonhos aflitivos e de angústia. Aponta que não há dúvida que o conteúdo manifesto de certos sonhos é de natureza extremamente aflitiva e aterrorizante. Destaca que o poder de interpretar os conteúdos latentes através dos manifestos, trariam ao sujeito uma possibilidade maior de se aproximar de seus próprios desejos e um apaziguamento de seus conteúdos oníricos, sendo a interpretação dos sonhos o caminho terapêutico. Sendo assim, saber o porquê se sonha com tais conteúdos, diminuiriam o poder aterrorizante manifesto, uma vez que o real sentido do latente estaria mais próximo da consciência do sujeito.

Vejamos o trecho a seguir do sonho de um dos participantes:

*Sonhei que estava em um lugar estranho com muitas pessoas estranhas numa sala de espera, mas muito bagunçada, com muitas coisas acumuladas, fáceis de acumularem sujeira e pó...não me sentia bem...depois as pessoas tomavam vinho, serviram vinho... aí percebi que não era uma sala de espera de médico, mas para a inauguração ou apresentação de um local de trabalho ou clínica. Eu fiquei preocupada...comecei a querer ajudar a servir as pessoas e retirei as taças para lavar quando terminaram de beber. Uns mocinhos que estavam conversando quando viram minha preocupação começaram a retirar também, ajudando-me... A sensação era de estranhamento e depois chegou um homem muito estranho, gordo, falante demais, que disseram que era meu amigo e eu não o reconhecia, ele me puxou para o colo dele, eu acordei assustada com o som da risada dele (sic).*

Podemos perceber que o inconsciente do(a) participante remonta um cenário de sala de espera, onde o sujeito aguarda por algo. Um local, a princípio, estranho, desconhecido e com pessoas estranhas e desconhecidas. Parece, que de alguma forma, o sujeito encontra-se em um local negado de seu próprio mundo interno. Coisas acumuladas, sujas e juntando poeira denotam certo abandono e ofertam ao sujeito inicialmente incomodo e estranheza.

Após um período, na sequência do sonho, outros conteúdos começam a aparecer e dessa vez não mais em espera, mas sim com ação e movimento, como por exemplo, o servir e tomar vinho descrito pelo participante. O cenário muda de figura e o sujeito do sonho passa a se colocar em movimento, mas ainda assim com uma espécie de sentimento de dívida, como se precisasse fazer algo, nesse caso, como relatado, sente-se mal e com a necessidade de retirar as taças e auxiliar na lavagem das mesmas. Nos questionamos: O que precisa ser limpo e lavado? O que precisa ser feito? Que sentimento de dever seria esse?



Logo depois, o inconsciente do participante, tenta ofertar no sonho companhia, trazendo outros personagens para auxiliar nas tarefas, parecendo denotar um caminho de busca de apaziguamento das angústias vividas, através da integração e interação com demais elementos oníricos.

Contudo, o estranhamento ainda permanece vivo para o sujeito, e por mais que os demais personagens do sonho tentam trazer referência e intimidade, o sentimento de estranhamento ainda permanece com o(a) participante. A cena final nos chama a atenção ao denotar conteúdos reprimidos não podendo ser reconhecidos pelo próprio autor do sonho. Não poder reconhecer os elementos oníricos presentes como seus, oferta ao sujeito um mal-estar e provavelmente uma sensação de não realização do propósito elaborativo da produção onírica.

Podemos supor, com isso, que a pandemia levaria o sujeito a essa maior estranheza de si mesmo, atuando e alimentando seus conteúdos reprimidos e recalçados principalmente pelo meio social e cultural. Nesse momento, lembramos da sociedade estudada por Freud – período influenciado pela era vitoriana e sua moral-conservadora, sobretudo, voltada as questões da sexualidade - em específico, os sintomas histéricos e obsessivos tão bem ilustrativos para esse tipo de fenômeno repressor: “No delicado âmbito da sexualidade, ele [Freud] veio a sentir um intenso orgulho por sua iconoclastia, por sua capacidade de subverter os valores da classe média” (Gay, 2012, p. 156. *grifo nosso*).

#### D) “A aproximação do sentimento de morte e de perda em meio a pandemia”

Naturalmente, de alguma maneira, é esperado que parte da população tenha seu inconsciente e universo psíquico tomado e invadido por perdas. Os dados apontam para uma realidade catastrófica a nível mundial, e especificamente, no Brasil, onde possuímos atualmente cerca de 700 mortes diárias, totalizando 141.441 vidas perdidas e 4.718.115 de infectados até o dia 26/09/2020, segundo atualização do consórcio de veículos de imprensa que toma como base os dados das Secretarias estaduais de saúde<sup>2</sup>. Nos questionamos como não sermos afetados por tais estatísticas, sem contar com os prováveis casos de subnotificação.

Dessa forma, entendemos que nosso inconsciente irá se manifestar frente a tal realidade, tentando, por vezes, nesse caso, driblar a morte a todo custo. Freud já dizia que:

De fato, é impossível imaginar a própria morte e, sempre que tentamos fazê-lo, podemos perceber ainda que estamos presentes como expectadores. Por isso, a escola psicanalítica pode aventurar-se a afirmar que no fundo ninguém crê em sua própria morte, ou dizendo a mesma coisa de outra maneira, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade (Freud, 1915/1996, p. 317).

Diante de tal afirmação, podemos supor que o inconsciente por vezes, pode falhar no seu papel de nos manter no lugar de imortais. O sentimento de morte e de perda nos assola e nos invade até mesmo no local onde seríamos e permaneceríamos vivos para sempre, nesse caso, no nosso inconsciente. Dessa forma, entendemos que ele é invadido por tais sentimentos extremamente reais, perdendo nossa fantasia onipotente de sobrevivência a qualquer situação. Talvez alguns se perguntariam se tais sentimentos perdidos de invencibilidade seriam alucinações ou delírios? Acreditamos que, especificamente nessa situação, assim como em outras, um pouco de loucura seria a chave de nos mantermos vivos e protegidos, como uma espécie de crise psicótica que caminha e que leva o sujeito, inicialmente, para um campo de saúde e para uma proteção de um mundo sentido como extremamente hostil.

Na impossibilidade de “enlouquecermos” no sentido psicótico do termo, e de utilizar nossa invencibilidade inconsciente, somos obrigados a nos deparar com uma dura realidade que não permanece somente em campos egóicos, mas sim, nos invadem e nos assolam em nosso campo inconsciente, imagético e onírico.

*No início tinha sonhos recorrentes com as crianças da escola onde trabalho. Atualmente os sonhos recorrentes são com meu irmão, já falecido. Em todos os sonhos ele (meu irmão) está vivo e bem... (sic).*

*Tenho tido muitos sonhos. É sempre muito real. Sonhei que um avião me atingia e eu vivenciei uma experiência de morte...(sic).*

*Sonhei com um grande amigo falecido há uns três anos... No sonho ele veio e me abraçou e choramos muito... Quando éramos jovens estávamos quase todo dia juntos... No outro sonho, fui perseguido durante a noite na rua...(sic).*

*Sonho que estou em prédios altos de proteção e eu e quem está comigo vai cair. Janelas cimentadas, perder coisas... Outros de estar doente e não conseguir ajuda... Pesadelos bem vividos, com mortes e términos...(sic).*

*Sonho muito com criança, com amigo e com uma tia falecida como se ela estivesse viva... (sic).*

*Sonhei com mortes... Sonhos conturbados, sonhei que um colega de escola que nem lembrava mais, tentou me assaltar...(sic).*

*Sim, pesadelos com caixões e que alguém da minha família faleceu... A Queda de um helicóptero em que se descobriu a 3ª guerra... Que o mundo virava walking dead... (sic).*

Alguns dos sonhos relatados apresentam conteúdos do atual cenário de insegurança sócio-sanitária, tal como cenas de morte, violência, exposição, insegurança, medo, contexto de guerra, necessidade/obrigação de isolamento, como descrito por um dos sujeitos ao se ver em um ambiente de "janelas cimentadas" (sic), ou de futuros pós apocalípticos, como exemplo, o sonho de um dos participantes, no qual se via em meio as cenas da série televisiva *The Walking Dead*, onde um vírus mortal extermina quase por completo a humanidade, transformando-os em zumbis (2010). Aos vivos que restaram, sobreviver torna-se o principal desafio.

Freud (1900/1996) nos aponta que sonhar com pessoas já falecidas, trariam questões que poderiam dificultar a interpretações dos sonhos, principalmente se tais pessoas fossem pessoas amadas, pertencentes ao universo afetivo do sujeito. Freud aponta que seria comum, em sonhos dessa espécie, que a pessoa morta fosse tratada pelo sonhador como se estivesse viva. Essa alternância e ambivalência entre morte e vida, poderia denotar, segundo Freud, uma indiferença por parte do sonhador, ao que diz: "Essa indiferença evidentemente não é real, mas apenas desejada, destina-se a ajudar o sonhador a repudiar suas atitudes emocionais muito intensas e amiúde contraditórias, tornando-se assim uma representação onírica de sua ambivalência" (p. 464). Freud também aponta que de certo modo, sonhar com o dito morto e revivê-lo pode denotar uma tentativa de resistência acerca da própria possibilidade de morrer. Tal fato, faz sentido, principalmente quando estamos inseridos em uma pandemia, ao que todos, de alguma forma, se encontram em risco de perder a própria vida.

Como dito anteriormente, parece que nesses casos, nosso inconsciente tenta de alguma forma elaborar tais perdas e rupturas, porém a sensação e a vivência em sofrimento, parece tornar o trabalho mais árduo. Do que será que nosso inconsciente está tentando nos preparar e preservar?

*Tive pesadelos referente a demissão no trabalho, diagnóstico de COVID, hospitalização, e vida não voltando ao normal e o fim dos seres humanos... (sic).*

*Sim, faz 16 anos que não trabalho mais em hospital e sonhei que estava em uma UTI com paciente e não tinha respirador e tive que sair correndo pelo hospital procurando um, acordei neste momento bem assustada...(sic)*

*Sonhei com o meu acidente de carro, o caminhão batia do lado oposto da pista, mas do lado do carona onde eu estava...(sic).*

Assim como nos sonhos descritos, a sociedade como um todo sofre também a ausência de controle, mortes, perda de emprego, hospitalização, entre outras manifestações, ao que, por vezes, não seria estranho se sentir vulnerável e sem qualquer tipo de controle mediante uma situação de risco pandêmico. Igual ao trazido no sonho de um dos participantes, a vulnerabilidade seria muito bem representada como estar sentado no lugar do carona frente a um eminente e grave acidente de carro, lugar esse desprovido de qualquer controle.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os resultados apresentados ao longo deste artigo nos levam a pensar que, possivelmente, a quarentena desperte sensações contraditórias entre os sujeitos pesquisados: para alguns a proteção de estar isolado e afastado de atividades que poderiam proteger o sujeito a uma possível contaminação pelo vírus, para outros, algum tipo de mal-estar por, supostamente, remeter o sujeito a privações e deprivações mediante a insegurança sanitário-social vivida pela pandemia da COVID-19.

Sentimentos de conexão com outras pessoas, maior respeito ao meio ambiente e aumento na valorização das relações e da saúde estão entre os itens citados nas respostas relacionadas as mudanças que os entrevistados esperam na humanidade a partir desse momento. Um aumento dos trabalhos em casa, do uso da tecnologia também foram citadas como possíveis alterações na maneira como viveremos daqui para frente. Nota-se que há esperança de que a humanidade saia melhor dessa pandemia, apesar do medo do contágio e dos malefícios resultantes do isolamento social.

Individualmente, entre as mudanças esperadas a partir desse momento, estão uma maior valorização dos afetos, um aumento da solidariedade e empatia, assim como os encontros com os amigos e familiares, e a possibilidade de rever as prioridades da vida, consumir menos e poder viver mais o momento presente, o aqui e o agora. Percebemos que não somente os aspectos egóicos das pessoas estão sendo afetados pela pandemia, mas também o universo do inconsciente. Talvez isso justificaria uma maior busca por processos de psicoterapia e psicanálise na população, pelo menos para aqueles que possuem condições financeiras para arcar com tais custos.

Entendemos que, de alguma forma, a pandemia, nesse caso, possibilitou e convocou o sujeito para a busca de um lugar de cuidado. Obviamente não gostaríamos que tal situação fosse desencadeada por algo tão grave e avassalador como uma pandemia, mas isso também denuncia a busca de auxílio e ajuda enquanto saúde mental, fator esse tão importante nos dias atuais.

Por fim, notamos respostas que dialogam entre si, no que se refere a pergunta sobre o que desejam fazer quando o isolamento terminar. Abraçar os familiares e amigos, e poder encontrar com eles está em primeiríssimo lugar. A seguir, o maior desejo é o de viajar, e entre os destinos preferidos na grande maioria das respostas, ir para a praia, poder ver o mar. Tais respostas trazem algo que nos remetem a uma esperança de que o mundo possa reviver uma suposta segurança, tal como em tempos pré-pandêmicos. Resta-nos saber as possibilidades que o dito “novo normal” nos reserva frente a atual situação do país. Sigamos críticos, reflexivos e em frente!...

## NOTAS

1- Conforme a psicanálise, restos diurnos "são elementos do estado de vigília do dia anterior que encontramos no relato do sonho e nas associações livres da pessoa que sonha"(Laplanche&Pontalis, 2008. p. 461)

2- Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/09/26/com-xx-novas-mortes-em-24-h-brasil-atinge-xxx-obitos-por-covid-19.htm>. Acesso em 26/09/2020.

## REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA.
- Bauman, Z. (2001). *Comunidade – A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.
- Coutinho, M.P.L.; Serafin, R.C.N.S. & Araújo, L.S. (2011). A aplicabilidade do desenho-estória com tema no campo da pesquisa. In: Coutinho, M.P.L.; Saraiva, E.R.A. (org.). *Métodos de pesquisa em psicologia social: perspectivas qualitativas e quantitativas*. João Pessoa: Editora Universitária, pp. 205-254.
- Ferenczi, S. (1992). Reflexões sobre o trauma. In: \_\_\_\_\_. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 109-118.
- Freud, S. (1996). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Edição standard brasileira / Imago.
- Gay, P. (2012) *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Gil, A.C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4 ed. São Paulo: Atlas.
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões – São Paulo: Ed. Boitempo*.
- Lakatos, E. A. E Marconi, M. A. (2007). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Ed. Atlas.
- Laplanche, J.; Pontalis, J.B. (2008) *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Malbergier, A. (2020) Aumento de álcool e drogas na pandemia da COVID-19 é ameaça a saúde. *Escola de Educação Permanente*. HCFFMUSP. p. 01. Disponível em: <https://eephcfmusp.org.br/portal/online/aumento-alcool-drogas-pandemia-da-covid-19-e-ameaca-a-saude/>. Acesso em 26 de Set. 2020.
- Minayo, M.C.S. (1996). *Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes.
- Moraes, R. (1999). *Análise de conteúdo*. Porto Alegre: Revista Educação, v.22, n.37, p. 7-32.
- Parafanhos, R.; (et al) (2011). Uma introdução aos métodos mistos. *Sociologias*, 18 (42), 384-411. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/v18n42/1517-4522-soc-18-42-00384.pdf>. Acesso em: 13 de Set. 2020.
- Rolando, R. (2001). Emmanuel Levinas: para uma sociedade sem tiranias. *Educ. Soc.*, Campinas: v. 22, n. 76, Oct. 2001
- Spink, M. J. P. (1993). O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro: 9 (3): 300-308, jul/set.
- Tardivo, L. S. L. P. C. (2007). *O adolescente e sofrimento emocional nos dias de hoje*. São Paulo: Ed.Vetor.
- The Walking Dead (2010). Produção: Jolly Dale, et al.. EUA: AMC Estúdios. 2010. 10 temp. 146 ep. 1080i (16:9 HDTV) (50 min).
- Turato, E. R. (2005), Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. São Paulo: *Revista de Saúde Pública*; 39 (3): 507-14.
- Winnicott, Donald W. (1999). *Privação e Delinquência*. São Paulo – SP. Ed. Martins Fontes.

## COMO CITAR ESTE ARTIGO

Almeida, C.R; Cardia, D. A.; Marino, A.S.; Rentes, R.; Teixeira, A.A. (2020) A perspectiva dos adultos a cerca da pandemia do COVID-19: análises de sonhos à luz da psicanálise. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, vol. especial, 55-84.